

**1968**

Era um tempo em que o Cruzeiro se transformava em Cruzeiro Novo (NCR\$) e eu trabalhava no Hospital 9 de Julho. No fim do dia, pegava o ônibus no túnel da avenida 9 de julho. “Apeava” na praça Dona Benta, para cursar o 2º ano Clássico, no Instituto de Educação Prof. Alberto Conte, em Santo Amaro.

O Brasil integrava o mundo via satélite (Embratel) e eu nem assistia ao Jornal Nacional. Levantava-me num dia e dormia só no outro. Em casa, o pessoal assistia Beto Rockfeller.

No Largo13, o bonde ainda circulava. O metrô era inaugurado em São Paulo.

A indústria vivia novo “boom” e bombas explodiam no centro da cidade. Eu, medrosa que era, estava sempre em sobressaltos. Coração na goela.

O Comando de Caça aos Comunistas (CCC) invadiu teatro e acabou com Roda Viva, o espetáculo do Chico Buarque. Artistas foram espancados. Eu assistia *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, no cinema do bairro.

“Macaca de auditório”, ia aos programas da TV Excelsior e Record. A Tropicália, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, debochava de tudo.

O governo autorizou mais água no leite com preço mais caro: NCr\$ 0,40. Leite que era deixado em vidros nas portas das casas, de manhã cedinho.

No ano 1968, o Brasil recebeu grandes empréstimos. Eu, mais dura do que aquilo do tarado. Os líderes estudantis da UNE, comandavam passeatas.

Vladimir Palmeira discursava no anfiteatro do colégio Alberto Conte. Eu ouvia. Queria participar das passeatas, mas tinha que trabalhar. Sem tempo de ser comunista, nem isto nem aquilo. Alienada circunstancial. Num dia de comício, o Diretor chamou a polícia. Eram apenas 20 guardas, postos para correr a pedradas e pauladas. Os jovens, maioria e, muito, muito atrevidos. Mudar o mundo, nosso sonho mais azul. Era um curso noturno e quem se atrasava não podia entrar. Nossa classe ficava numa sala no fundo do terreno. Era a última turma antes de virar o tal do Ensino Médio. Quase sempre atrasada. Tudo parado na av. 9 de Julho. Então, pulava o muro da escola para entrar. Visão que despertava aplausos de quem passava. Chegava ralada e com a meia-calça furada. Pulava também para sair mais cedo e tomar caipirinha no *Bekinho*. Ou beber um *cuba libre* no *Bar 13 dos Amigos*. Ou ainda, um *Hi-Fi* no Amigo Fritz, na praça Floriano. Eu não regulava bem.

Decretado o Ato Institucional nº 5, temia-se qualquer *aluno novo*. Era comum aparecer agente do DOPS na classe, disfarçado de colega. Tudo era censurado e brincávamos falando: *susseios* ao invés de suspeito, *vaganádegas* ao invés de vagabunda. O presidente Costa e Silva cassou o mandato dos deputados, fechou o congresso, censurou a imprensa e as artes. Expediu portaria que determinava a proibição da Frente Ampla e a apreensão de livros, jornais e outras publicações. Eu já tinha lido *Sexus*, *Plexus* e *Nexus*, de Henry Miller e *Quarup* de Antonio Callado. Apreciava os filósofos existencialistas e discutia a aldeia global de Marshall MacLuhan.

Capital estrangeiro investiu aqui US\$ 541 milhões e o Banco Mundial emprestou US\$ 1 bilhão para projetos de desenvolvimento e eu sem um puto de um tostão. *Era um país que ia pra frente.* No fim da aula, se eu tivesse algumas moedinhas, parava na pastelaria do Largo 13 e comia um pastel gosmento de carne (pouca carne moída misturada com muito arroz quirera).

Nesse mesmo ano, Martin Luther King foi assassinado. O candidato a presidente, senador Robert Kennedy também. A viúva do presidente John (irmão de Robert), Jacqueline, casava-se com o armador grego Onassis. Nós, no Brasil, no maior enrosco. Muitas prisões sem explicação. Manifestações de rua eram proibidas. Mais que três conversando já era conspiração. Diziam que a nova esquerda nasceu da pélvis ondulante de Elvis Presley. Minha contestação maior era tomar um rebite para ficar sem dormir e estudar mais.

Em outubro, 1240 estudantes foram presos em Ibiúna (SP) ao realizarem, clandestinamente, o 30º Congresso da UNE. Neste mês eu completava 18 anos e já tinha assistido a filmes e peças proibidos, com minha carteirinha falsificada. Eu usava minissaia e tinha um cabelão. Maiô era de duas peças, com a parte de cima com bojo imitando silicone. Pintava os olhos com *“rímel”*, como os da Cleópatra.

Em novembro, a Rainha Elizabeth, da Inglaterra, chegava ao Brasil. Eu era rainha do Esporte Clube Estrela do Jardim Mália. Tinha uma coroa de *strass* e uma faixa verde, bordada com purpurina ou *brocal*, como se dizia naquela época. Na caçamba do caminhão, junto com os jogadores rumo à represa de

Guarapiranga. Prestigiar o futebol deles. Definitivamente eu não regulava bem.

Em 1968 parecia que tudo ia explodir. Pensando bem acho que os Maias erraram o calendário. Em 1968 eu completei 18 anos e parecia que tinha 100. A sensação era de estar numa turbulência prestes a aterrissar com o trem de pouso avariado.